

‘O novo sempre vem’

Rosana Nora

Encerramos nosso tempo na Diretoria de Biblioteca e Publicações com o rico saldo de quatro Boletins Informativos, duas Revistas Institucionais e cinco Encontros na Biblioteca - projeto que envolveu colegas excepcionais e a nossa comunidade Psicanalítica. A nossa aliança com os PPG (programas de pós graduação) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com agradecimentos especiais a Milena Silva e Augusto Jobim, coordenadores dos programas de Psicanálise e Filosofia respectivamente. Promovemos ainda diferentes atividades com autores cepianos para discutir suas obras e lançamos mais um livro, o Pluralidades: a psicanálise entre o feminismo, o racismo e as questões de gênero. A publicação foi um sucesso absoluto por seus importantes textos e também pela beleza de seu projeto gráfico. Feitos como esses nos fazem orgulhosas da nossa Instituição, que nos apoiou incondicionalmente, e da nossa Comissão da Biblioteca, que mobilizou a nossa comunidade psicanalista e nossa cidade acerca do que há de mais urgente sendo discutido por nossos pares internacionais.

Esta edição marca o final de uma gestão que visou colocar a psicanálise presente nas inquietações atuais, se opondo a discursos antigos e dogmáticos. Satisfeitas estamos do nosso trabalho e conscientes que trouxemos para o CEP questões inquietantes e atuais tanto para os livros, como para a teoria e prática da psicanálise, nos diferenciando de outras instituições formativas, que transmitem valores retrógrados, repetitivos e sem questionamentos para seus futuros analistas.

Dissemos não a valores normativos, racistas e misóginos, procurando outras vias a dos perigos do enrijecimento e fechamento em si.

Aqui, nessa pequena diretoria, promovemos laços entre diferentes pessoas e ciências. Conversamos com professores, filósofos, ativistas, jovens, negros e pessoas trans. Ao abrirmos nossa casa, nos abrimos também para uma psicanálise contextualizada, que abraça questões não resolvidas do passado para serem investigadas, pensadas e, muitas vezes, transformadas. Aprendemos com “os de fora” e nos tornamos ainda mais complexos e inteiros. Por fazer tudo isso e mais possível, cabe aqui um grande agradecimento a Christian Dunker, Alessandra Affortunati Martins, Eduardo Leal Cunha, Douglas Rodrigues Barros, Tales Ab’Saber, Cláudia Perrone, Milena Silva, Fernanda Martins, Ricardo Timm, Sandra Torossian, Abraãozinho, Andrea Ferrari, José Damico, Marine Bataglin e muitos outros.

Nossa casa encheu de pessoas excepcionais e fomos convidados a refletir sobre qual tipo de psicanálise estamos comprometidos a praticar em nossa instituição. Concluímos que não queremos uma prática egoica, moralista ou neutra “de faz de conta”. Muito menos pretendemos cultivar uma harmonia cerceada de criatividade ou uma cega submissão aos mestres. Não nos interessa uma psicologia desenvolvimentista, de passividade didática e bondade hipócrita. Não nos interessou o adaptativo, mas sim o pensamento crítico. Trabalhamos para exercer no nosso ofício a liberdade de pensamento e ação. Torcemos por uma prática contestadora, atuante e política. Postura adotada por nossa comissão como nasceu e deveria ser a Psicanálise sempre.

“Apelo ardentemente a uma transformação da psicanálise mutante, à altura da mudança de paradigma que vivemos. Talvez apenas esse processo de transformação, por mais terrível e desmantelador que possa parecer, mereça hoje ser chamado de psicanálise”, muito bem nos disse Paul B. Preciado. Devemos promover tais urgentes mudanças em nossos seminários, cursos e escritas. É imperativo transformar a transmissão da psicanálise, como vemos acontecer em grandes mo-

vimentos pelo mundo. O novo, com a ancoragem das antigas descobertas, nos fará viver por mais longos anos de forma contextualizada e pulsante.

Se a edição anterior trazia como imagem de abertura a nossa antiga morada, na capa desta publicação trazemos a maquete da nossa casa própria, um sonho antigo que, aos poucos, estamos realizando. Assim como dogmas e paradigmas, as mudanças concretas também precisam ser recolocadas em discussões. Alterações como essas são sempre difíceis, mas, muitas vezes, necessárias para continuarmos atuantes. Não podemos mais conviver entre muros, tanto em nossa ciência como em nossa casa física, isso nos aliena e sufoca. Como bem dizia Belchior, “o novo sempre vem”.

Um abraço e um especial obrigada à Camila Iotti, Ana Luiza Bortollotti, Cláudia Formoso, Laura Jaskulski, Margarida Ribeiro Lima, Nicole Padilha, Raissa Rosa e Laura Feldman.